

**AS UNIVERSIDADES PÚBLICAS E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL-OS IMPACTOS DE  
UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA EM UMA MICRORREGIÃO NO ESTADO DA BAHIA**

**CARLOS RANGEL PORTUGAL PEREIRA**  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)  
crpereira@uneb.br

**MARIA LENY SOUZA OLIVEIRA**  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)  
rhuefs@gmail.com

**JOCELY SANTOS CALDAS ALMEIDA**  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)  
jocely.almeida@gmail.com

# AS UNIVERSIDADES PÚBLICAS E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL: OS IMPACTOS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA EM UMA MICRORREGIÃO NO ESTADO DA BAHIA

## 1 INTRODUÇÃO

A Universidade do Estado da Bahia (UNEB), assim como todas as Instituições do Ensino Superior (IES) e a educação, de um modo geral, possui importância para a evolução econômica e social das regiões. No Brasil, o tema educação é uma preocupação constante da sociedade, sendo um dos meios mais eficazes de se alcançar o crescimento econômico.

Na maior parte do mundo, os níveis de educação estão se elevando, principalmente nos países ditos emergentes. Então, como o conhecimento torna-se um recurso econômico, a universidade acaba por ser um centro de produção de conhecimentos, fornecendo, a seus discentes, formação e informações técnicas, tornando-os capacitados para a competição de mercado.

É recorrente que o desenvolvimento econômico dos países ocorre sempre de forma não linear. Esta falta de uniformidade tem sido objeto de discussões que buscam explicar os fatores que determinariam o desenvolvimento desigual entre as diferentes nações e regiões. Muito recentemente, foi possível questionar, por exemplo, sobre as diferenças ocorridas nos processos de desenvolvimento de países como Japão, Coreia do Sul, Singapura e Taiwan que, entre outros fatores, justificam-se pela diferença de prioridade dos governos no investimento em educação, conforme evidencia Sen (2000).

Neste sentido, seria possível inferir que o nível de desenvolvimento dos países está diretamente associado ao nível de desenvolvimento do sistema educacional. Significa dizer que quanto mais investimentos em educação, nos diversos níveis de ensino, maiores as chances de as nações se tornarem mais desenvolvidas.

Para a teoria do capital humano, o desenvolvimento, tanto das nações quanto do indivíduo, está diretamente associado à posse do capital humano, definido por Schultz (1973) como sendo a qualificação e o aperfeiçoamento da população por meio do investimento em educação, que como resultado, provoca uma elevação da produtividade dos trabalhadores e dos lucros dos capitalistas, causando um forte impacto na economia como um todo. Desta forma, é possível coligir que é o desenvolvimento e a posse deste capital que vão garantir o crescimento individual, possibilitando, por consequência, o aumento do crescimento de uma cidade, região ou país.

Partindo desta compreensão, entende-se que a universidade é o principal instrumento de geração de conhecimento que pode proporcionar o desenvolvimento da sociedade. E as universidades públicas brasileiras constituem um espaço importante para o alcance deste objetivo. Desta forma, este artigo avalia quais os impactos socioeconômicos provocados pela presença da UNEB, *Campus XI*, no processo de desenvolvimento regional e local. A partir daí, e partindo do pressuposto da relação entre capital humano e crescimento, este estudo tem como objetivo identificar quais as contribuições desencadeadas pela presença do *Campus XI* da UNEB no processo de desenvolvimento da Microrregião Geográfica de Serrinha (MGS), onde está sediada, no período entre 1999 e 2013, com base nos pressupostos da teoria do capital humano, identificando o papel que ela exerce como agente transformador e propulsor do crescimento econômico regional.

Procurou-se mensurar os efeitos multiplicadores do nível de renda da microrregião, associado ao estoque de capital humano gerado pela presença da UNEB, com os cursos de Administração, Geografia e Pedagogia; identificar os efeitos da proximidade geográfica sobre as interações da UNEB e as empresas sediadas na MGS, como, também, da existência de *spillover* (termo inglês que pode ser traduzido como sendo a promoção e a difusão do conhecimento, com impactos diretos na produtividade) em função dessas interações; e analisar como a universidade contribui para o desenvolvimento regional através do ensino, da pesquisa e extensão.

Para alcançar este objetivo, este trabalho está estruturado da seguinte forma: em primeiro, destaca-se esta introdução parte do trabalho. Em seguida, discute-se os aspectos teóricos envolvendo teoria do capital humano, relação universidade e desenvolvimento econômico e regional, incluindo a relação universidade-empresa, logo após apresenta-se a organização objeto do estudo e uma breve descrição sobre a região onde se encontra a instituição, para em seguida a metodologia do trabalho, apresentação e a análise dos dados e por fim as considerações finais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de capital humano foi usado por volta do século XVIII não com este nome, mas já citado por diversas correntes do pensamento econômico. Dentre eles, o economista considerado como o mais importante teórico do liberalismo econômico, Adam Smith.

De acordo com Smith (1983), a abundância ou escassez de bens de que uma nação pode dispor depende de duas circunstâncias: a primeira é a habilidade, destreza e bom senso com que o trabalhador executa suas funções; a segunda resulta da relação entre os que executam trabalho útil e os que não executam.

No século XIX, o economista Alfred Marshall (1982), considerado um expoente da escola neoclássica, em seus Princípios de Economia, publicado em 1890, demonstra em diversas partes de sua obra a relevância do investimento nas pessoas e enunciou que: “O capital mais valioso de todos é o investido em seres humanos” (MARSHALL, 1982, p.189).

O termo capital humano surgiu pela primeira vez num artigo intitulado “*Investment in Human Capital*”, escrito por Theodore W. Schultz, em 1961 e publicado pela *American Economic Review*. Foi no final da década de 1940 que Theodore W. Schultz iniciou seus estudos sobre a capacidade adquirida pelos ganhos de produtividade, onde, segundo ele, era cada vez mais evidente que os progressos científicos não confirmavam como certos ganhos de produtividade aconteciam.

Em 1963, surge o primeiro livro sobre o tema escrito por Theodore W. Schultz: *The Economic Value of Education*. De acordo com Schultz (1973), é através da educação que ocorre o investimento básico no ser humano.

A teoria do capital humano estabelece que a educação é um investimento e como tal está relacionada a um determinado retorno. Mincer (1958) sinalizou a existência de uma correlação entre o investimento com o intuito de formar trabalhadores e a distribuição da renda pessoal. Com isso, o autor enfatiza que há uma associação entre a dispersão dos rendimentos pessoais e o investimento feito em capital humano, isto é, a partir do momento que o indivíduo decide por gastar mais tempo em busca de novos conhecimentos, isso irá impactar de forma significativa na produtividade, conseqüentemente, no crescimento econômico.

Por sua vez, Becker (1962) vem corroborar afirmando que é buscando uma melhora na habilidade produtiva e aumento do estoque de conhecimentos de cada indivíduo, adquiridos ao longo do tempo, que é realizado o investimento em capital humano.

Friedman (1984), considerado um dos grandes autores contemporâneos, retoma a analogia feita por Adam Smith, de quem é seguidor, ao afirmar que:

Trata-se de uma forma de investimento em capital humano precisamente análoga ao investimento em maquinaria, instalações ou outra forma qualquer de capital não humano. Sua função é aumentar a produtividade econômica do ser humano. Se ele se tornar produtivo, será recompensado, numa sociedade de empresa livre, recebendo pagamento por seus serviços – mais alto do que receberia em outras circunstâncias. (FRIEDMAN, 1984, p. 95)

Para Pereira (1999), foi a partir das citações de Smith, feitas por um grande número de autores na década de 1960, que surgiu a teoria do capital humano. Ela surge da necessidade de se descobrir os custos e os rendimentos atrelados aos fatores promotores do crescimento econômico. Desde essa época até os dias de hoje, presenciamos uma grande transformação tecnológica e organizacional em todo o mundo. Novas tecnologias surgem a todo o momento, forçando as empresas a inovarem tanto no nível do produto quanto de processo, o que é um ponto chave para a permanência no mercado ou em busca de novos mercados.

O conceito de crescimento econômico está intrinsecamente relacionado ao PIB, que mede a quantidade de bens e serviços finais produzidos por uma sociedade e quanto maior for essa produção, melhor serão satisfeitas as necessidades da população. O grau de satisfação que a população terá com o crescimento econômico não será determinado apenas por esse aumento de produção, mas sim de que forma esse aumento chega às pessoas, para que possa gerar desenvolvimento.

Sempre que se tenta estudar o desenvolvimento, é comum associá-lo aos aspectos econômicos. O desenvolvimento econômico está relacionado à melhoria do padrão de vida da sociedade ao longo do tempo. Por conseguinte, estudar o desenvolvimento regional perpassa, também, pelos aspectos econômicos, além dos sociais, culturais, etc.

Em se tratando de desenvolvimento regional, existe uma relação forte entre este e a capacidade de a comunidade potencializar seus recursos (ALVES, 2010). Assim, o processo de desenvolvimento econômico está diretamente relacionado com as condições de vida da população. Mayer e Rodrigues (2013, p. 1) continuam nessa mesma linha, quando afirmam que: “Como está relacionado ao bem-estar social, o desenvolvimento interage também com a educação, que pode ser definida como a composição dos processos de ensinar e aprender, e é um fenômeno existente em toda sociedade”.

Discute-se muito a função da universidade como promotora do desenvolvimento de uma região. Então, partindo-se do pressuposto que o desenvolvimento regional é permeado pelo nível de aporte educacional existente em uma determinada região, supõe-se, então, que os índices de desenvolvimento e de crescimento econômico estão relacionados aos índices educacionais (ALVES, 2010; FERREIRA e LEOPOLDI, 2013; MAYER e RODRIGUES, 2013; RÊGO e CALEIRO, 2012).

Barros, Henriques e Mendonça (2000), em seus estudos, confirmaram que a relação entre educação e desigualdade possui não apenas dimensão econômica, mas sociais e culturais. Comprovaram, também, que os impactos da educação sobre o crescimento econômico são

positivos e significativos, como também, sobre a redução da mortalidade infantil e sobre a redução do crescimento populacional.

Apesar dos resultados encontrados pelos autores, Cogo (2013), reconhece que é preciso mais pesquisas em relação ao tema, quando afirma que:

O desenvolvimento econômico fomentado pela instalação de estabelecimentos universitários em determinadas regiões, embora desperte grande interesse, ainda é precariamente estudado no Brasil, sendo ainda mais restritos os estudos, quando se referencia ao impacto social destas instituições sobre os atores locais e regionais.

Se assim ocorre, continua Alves (2010), a universidade deve ser convocada a participar desse processo de propulsão do desenvolvimento da região, não apenas de forma teórica, mas fazendo intervenções que promovam o seu desenvolvimento. Assim, pode-se deduzir que, para haver desenvolvimento, é preciso empreender esforços em educação e a universidade passa a ser um elemento chave desse processo. Então, o grande desafio imposto às universidades é, baseado em uma sociedade do conhecimento, definir qual o seu papel em prol do desenvolvimento da região de sua influência.

Goebel e Miura (2012), vêm reforçar essa assertiva quando afirmam que a universidade “[...]através do seu papel e princípios de formar capital humano, deve ser capaz de colaborar no desenvolvimento nacional e propiciar a geração e desenvolvimento socioeconômico ao seu redor [...]”.

Rêgo e Caleiro (2012), corroboram com esse pensamento quando afirmam que a presença das IESs tem transformado, de forma variada, as regiões, desde o aumento de conhecimento, transferência tecnológica e maior inovação, até um aumento no nível de emprego e de renda. Contudo, para os autores, apenas a presença da universidade na região não garante os efeitos multiplicadores, é preciso uma interação com os demais agentes econômicos, sociais ou culturais, públicos ou privados. É preciso que a sociedade não enxergue os benefícios da universidade apenas como sendo uma fonte de emprego e de gastos efetuados na região por alunos, professores e funcionários. A participação da universidade deve ser mais profunda.

Admitindo-se que as universidades são promotoras do crescimento econômico, fica patente que elas exercem uma influência muito forte no mercado de trabalho local e regional, estimulando a criação de novas empresas, promovendo o desenvolvimento dos serviços e, por conseguinte, a criação de capital humano para o investimento na região. Cada vez que a universidade, através do ensino, pesquisa e extensão, proporciona efeitos positivos para a região, maiores serão tais efeitos se a região se apropriar desses resultados. Assim, Crawford (1994) reforça que a implantação de uma IES em determinada região provoca, em torno dela, um rápido crescimento, pois empresas se estabelecem por perto em busca dos egressos e beneficiando-se dos conhecimentos desenvolvidos nas atividades de pesquisas ali realizadas.

Esse é um tema atualmente discutido, pois pretende identificar o papel das pesquisas desenvolvidas pelas universidades e de seus *spillovers* como estímulos ao desenvolvimento regional demonstrando a existência de externalidades positivas na localização das universidades, bem como da natureza e qualidade das pesquisas por elas desenvolvidas (CORREIA e PEREIRA, 2006; DALGUEIRO, NAKABASHI e PRINCE, 2011; MELO e SIMÕES, 2014). A esse propósito, Correia e Pereira (2006, p.69) afirmam que:

A existirem *spillovers* das Universidades para as empresas, e se o fator “proximidade geográfica” for relevante, então será de esperar que o desempenho das empresas seja

influenciado pela sua localização. Por outro lado, se o investimento em educação superior estimula a inovação e a criatividade locais, que por sua vez se refletem positivamente no desempenho das empresas, então a Universidade deve ser vista como um elemento estratégico nas políticas de desenvolvimento econômico.

Outro ponto chave para o processo de desenvolvimento de uma região, pela presença da IES, é a interação universidade-empresa. As universidades, através de seus grupos de pesquisa, são produtoras de conhecimento, que são transmitidos ao setor produtivo. Por consequência, esse acúmulo de conhecimento, segundo Puffal, Trez e Schaeffer (2012, p. 2), “produz questões importantes para a elaboração científica e para a orientação da qualificação de recursos humanos”. Para os autores, isso ocorre em países desenvolvidos. Já em países menos desenvolvidos, a cooperação universidade-empresa é pouco dinâmico. Ainda segundo os autores, não é fácil decidir participar de uma interação universidade-empresa para ambas as partes, pois o alto grau de incerteza envolvida no processo acaba por inibir a cooperação.

Rapini (2007, p. 214), alerta para outro fator amplamente investigado na literatura que pode ser um grande indutor de interação universidade-empresa, que é a proximidade geográfica entre as empresas e as universidades. Quem também alerta para esse fator, são Garcia *et al* (2011, p. 310):

[...] a proximidade geográfica é capaz de criar um ambiente propício para o intercâmbio de informações e de conhecimento entre os agentes, que são sustentadas por meio de interações face-a-face, o que permite a formação de redes locais de conhecimento em que diversos atores estão envolvidos.

Para os autores, é de fundamental importância, pois proporciona uma participação mais efetiva dos atores envolvidos nas redes de informação e nas comunidades acadêmicas. A menor distância entre a universidade, ou grupos de pesquisa, e as empresas, acaba por reduzir os custos envolvidos no processo de interação.

### **3 A UNEB/CAMPUS XI E A MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA DE SERRINHA/BA**

A UNEB, maior instituição pública de ensino superior da Bahia, com sede na cidade de Salvador, foi criada no ano de 1983, pela Lei Delegada 66/83. Vinculada à Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, está presente, geograficamente, em todas as regiões do Estado, estruturada no sistema multicampi. Ela possui 29 Departamentos instalados em 24 *campi*: um sediado na capital do estado, onde se localiza a administração central da instituição, e os demais distribuídos em 23 municípios baianos (UNEB, 2014).

A região onde está localizado o *Campus XI* da UNEB, escolhida para este estudo, é denominada de Microrregião Geográfica de Serrinha (MGS), que está inserida na Mesorregião do Nordeste Baiano, conforme Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (1990), e é composta por dezoito municípios, a saber: Araci, Barrocas, Biritinga, Candeal, Capela do Alto Alegre, Conceição do Coité, Gavião, Ichu, Lamarão, Nova Fátima, Pé de Serra, Retirolândia, Riachão do Jacuípe, Santaluz, São Domingos, Serrinha, Teofilândia e Valente. A MGS tem, por característica, uma economia predominantemente agrícola e com a maioria da sua população estabelecida na zona rural, 333.149 habitantes, representando 57,21% da população (IBGE, 2011).

A base econômica da MGS está sustentada não só no cultivo e exportação do sisal, como também na criação de gado de corte e nas lavouras de mandioca, feijão e milho. O cultivo do sisal é desenvolvido em pequenas propriedades e o processo de extração da fibra é feito de modo artesanal, com grandes riscos para a saúde dos trabalhadores.

Os municípios que compõem a MGS, em sua maioria, encontram-se em situação de indigência, pois são inúmeras famílias que sobrevivem com renda *per capita* de menos de meio salário mínimo. As principais fontes de recursos que movimentam a economia desses municípios advêm da transferência de recursos governamentais, principalmente através da previdência social e programas sociais de assistência à família de baixa renda e da agricultura familiar local.

#### 4 METODOLOGIA

No que concerne à natureza metodológica, este estudo se caracteriza como uma pesquisa social aplicada, com abordagem predominante quantitativa, mas que contém também elementos qualitativos, com enfoque no desenvolvimento local e regional, baseado em uma visão da Teoria do Capital Humano.

Defende-se neste artigo que a presença UNEB, *Campus XI*, em Serrinha/Ba., está associada ao aumento do capital humano na região e que, por consequência, é fator determinante do desenvolvimento local e regional. Então, pretende-se testar a hipótese de que o desenvolvimento regional da MGS, medido pelo crescimento da renda, está diretamente relacionado com o nível de educação da população, isto é, maiores níveis de educação contribuem para uma maior renda da população. Alguns adeptos da teoria do capital humano defendem que um nível maior de escolaridade traduz-se em maiores ganhos, e esse maior nível de escolaridade está associado à chegada da UNEB e a formação de um maior contingente da população com nível superior. Para avaliar o desenvolvimento do capital humano pela presença da UNEB, *Campus XI*, este trabalho realizou um conjunto de análises, quantitativa e qualitativa que são descritas a seguir.

Em primeiro lugar, estimou-se um modelo econométrico através da realização de um modelo de regressão linear múltipla para tal utilizou-se o *software IBM® SPSS® Statistics*, com o propósito de avaliar se existe uma relação estatística entre a variável dependente e as variáveis independentes, em especial, àquelas ligadas à escolarização do indivíduo, especificamente a graduação e a pós-graduação. O objetivo foi estudar a dinâmica das relações entre o capital humano e a renda do trabalho, medido pelo número de matrículas iniciais em seis níveis de educação: educação infantil, educação de jovens e adultos, ensino fundamental, ensino médio, ensino superior e pós-graduação, como *proxy* (para solucionar problemas de falta de informações sobre determinada variável explicativa, utiliza-se uma variável *proxy*, que é uma variável que substitui, aproximadamente, a variável que se pretende encontrar) do capital humano, e o Produto Interno Bruto (PIB)<sub>Real</sub> *per capita* dos municípios que compõem a MGS, no período entre 1999 e 2013.

Uma variável, que não compõe o nível de educação, foi inserida no modelo com o intuito de acrescentar um pouco do aspecto qualitativo. A variável está relacionada a uma vida longa e saudável (saúde), medida pela expectativa de vida (longevidade), que faz parte da composição do IDH-M, índice criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Foram utilizados dados estatísticos secundários, obtidos através da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI (2012) e do Censo Populacional 2010 do IBGE (2011), e a base está composta de 8 (oito) variáveis. Na Tabela 1, estão descritas as variáveis utilizadas, suas *proxies* e fontes de dados.

Tabela 1 - Demonstrativo das variáveis que compõem o modelo de crescimento da renda

Variável	Descrição	Fonte de Dados
PIB <sub>Real_pc</sub>	PIB Real <i>per capita</i>	SEI /IBGE
Medi	Matrículas iniciais no ensino infantil	SEI /IBGE
Meja	Matrículas iniciais no ensino de jovens e adultos	SEI /IBGE
Mef	Matrículas iniciais no ensino fundamental	SEI /IBGE
Mem	Matrículas iniciais no ensino médio	SEI /IBGE
Mes	Matrículas iniciais no ensino superior	DEDC XI
Mpg	Matrículas iniciais na pós-graduação	DEDC XI
IDH_Longevidade	Expectativa de vida ao nascer	PNUD

Fonte: Elaborada pelos autores (2015)

Para efeito de análise e como um dos objetivos desse estudo é identificar a contribuição do capital humano como *proxy* do crescimento econômico local e regional, a variável PIB<sub>Real</sub>*per capita* assume a condição de variável dependente. O modelo construído é:  $PIB_{Realpc} = \beta_0 + \beta_1Medi_1 + \beta_2Meja_2 + \beta_3Mef_3 + \beta_4Mem_4 + \beta_5Mes_5 + \beta_6Mpg_6 + \beta_7IDH\_Longevidade_7 + \varepsilon$ , onde:

PIB<sub>Real\_pc</sub> = PIB real *per capita*;

$\beta_0$  = intercepto da reta de regressão;

$\beta_i$  = os coeficientes de regressão a serem encontrados;

Medi<sub>1</sub> = Matrícula inicial na educação infantil;

Meja<sub>2</sub> = Matrícula inicial na educação de jovens e adultos;

Mef<sub>3</sub> = Matrícula inicial no ensino fundamental;

Mem<sub>4</sub> = Matrícula inicial no ensino médio;

Mes<sub>5</sub> = Matrícula inicial no ensino superior;

Mpg<sub>6</sub> = Matrícula inicial na pós-graduação;

IDH\_Longevidade<sub>7</sub> = Expectativa de vida ao nascer;

$\varepsilon$  = erro aleatório.

Uma segunda análise investigou-se o efeito que a proximidade geográfica do *Campus XI* da UNEB exerce para o desenvolvimento das interações universidade-empresas na MGS e, conseqüentemente, seu impacto no desenvolvimento regional, assim como testar a hipótese de que as empresas se beneficiam, em termos de aumento de desempenho e, conseqüentemente, da renda, de estarem localizadas próximas dos grupos de pesquisa mantidos pela universidade. Para essa investigação, foi usada, inicialmente, informações registradas no Diretório dos Grupos de Pesquisa da base Lattes do CNPq sobre interações universidade-empresas. Esses dados estão atualizados até 2010. Para atualização dos dados até 2014, foram coletadas informações diretamente colhidas junto aos grupos de pesquisa da UNEB, *Campus XI*, através da aplicação de um questionário no período de 20/09 a 30/11/2014. O público alvo do referido questionário foram os docentes do Departamento e os líderes de grupos de pesquisa em atividade. Dos 52 docentes lotados no Departamento de Educação, *Campus XI*, apenas 24 responderam ao questionário aplicado, o que corresponde a 46% do universo.

O questionário contém 8 (oito) questões que buscaram identificar aspectos que pudessem informar sobre os processos de interação universidade-empresa existentes na região. Além dos dados demográficos dos respondentes, o questionário procurou identificar a existência ou não de relações de interação universidade-empresa; se existe, de que tipo é esta interação; se há transferência de recursos; as motivações da interação, se há contrapartida de algum dos lados financeiramente, ou de materiais e equipamentos.



Uma terceira análise buscou identificar a contribuição da UNEB, *Campus XI*, na MGS, em sua dimensão educacional. Baseado nos três pilares de sustentação da universidade, ensino-pesquisa-extensão, é que, primeiramente, foi feito um levantamento, junto ao Departamento de Educação, do número de professores com o título de doutor ou superior e, deles, quantos são de dedicação exclusiva. Também foi feito um levantamento dos dados referente à produção científica do corpo docente do *Campus XI*, junto à base de dados do CNPq e no Núcleo de Pesquisa e Extensão - NUPE do Departamento. Os dados coletados são os seguintes: Grupos de pesquisas criados na região pela Universidade; Publicações em revistas científicas nacionais; Publicações em revistas científicas internacionais; e Recursos captados em agências de fomento.

O objetivo deste levantamento foi analisar o desempenho da UNEB, *Campus XI*, quanto à produção científica e em que magnitude essa produção é um elemento propulsor do desenvolvimento local e regional.

Por fim, foi aplicada uma entrevista semiestruturada, composta de dez questões, para identificar quais são os esforços empreendidos pelo Departamento, na tentativa de estimular seu corpo docente a desenvolver ações que estimulem o desenvolvimento local e regional, através das ações extensionistas e outras modalidades, como cursos de pós-graduação, por exemplo. As entrevistas foram feitas pessoalmente e gravadas para posterior transcrição, no período de 02/08 a 15/09/2014. Foram entrevistados os professores que ocupavam cargos de direção no Departamento, assim como do Núcleo de Pesquisa e Extensão – NUPE, do *Campus XI*, os professores coordenadores dos Colegiados de Cursos e os professores líderes de grupos de pesquisa, como também alguns professores pesquisadores, no total de 15 professores, assim distribuídos: Direção do Departamento (um), Coordenadores de Colegiado de Curso (três), Coordenadores do NUPE e Grupos de Pesquisas (seis), docentes pesquisadores (cinco).

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 5.1 Análise do modelo de crescimento da renda

Partindo do modelo de análise do crescimento da renda e o nível de educação, assumiu-se que a ideia principal foi prever o comportamento do PIB<sub>Real</sub> *per capita* a partir do comportamento das variáveis de educação e expectativa de vida. O modelo de regressão utilizado permitiu prever o comportamento do PIB<sub>Real</sub> *per capita* em função do comportamento das variáveis ditas independentes: níveis de ensino e IDHM-Longevidade.

Primeiro, observou-se o teste *F* de significância, que poderá responder a seguinte pergunta: é o modelo útil para prever a variação no PIB<sub>Real</sub> *per capita*? Observando a Tabela 1, a qual apresenta a análise de variância – ANOVA do modelo, como o valor *p* do teste *F* é extremamente pequeno, menor que .001, isso mostra que há evidências estatísticas de que pelo menos uma variável está relacionada com o PIB<sub>Real</sub> *per capita*, a um nível de 99% de confiança, indicando que pode continuar com o modelo.

Tabela 1: ANOVA<sup>a</sup>

Modelo	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	F	Sig.
Regressão	10682499515,428	7	1526071359,347	90,192	,000 <sup>b</sup>
Resíduos	118441393,065	7	16920199,009		
Total	10800940908,493	14			

Fonte: elaborada pelos autores a partir do *software* IBM® SPSS® *Statistic* (2015)

Notas: a. Variável dependente: PIB\_per\_capita\_Real

b. Preditores: (constantes), IDH-M, Longevidade, Matrícula\_Inicial\_Ensino\_Médio, Matrícula\_Inicial\_Pós\_Graduação, Matrícula\_Inicial\_Educação\_Infantil, Matrícula\_Inicial\_Educação\_Jovens\_Adultos, Matrícula\_Inicial\_Ensino\_Superior, Matrícula\_Inicial\_Ensino\_Fundamental

A partir daí, conforme Tabela 2, identificaram-se os valores dos coeficientes e a sua respectiva significância. Observando-se os valores *p* de significância (Sig.) de cada variável, identificou-se que apenas duas variáveis, matrícula inicial no ensino superior e IDHM Longevidade, possuem um valor *p* menor que .05 (.035 e .011, respectivamente), mostrando que há evidências estatísticas que relacionam a matrícula no ensino superior e o IDHM Longevidade com o PIB<sub>Real</sub>per capita.

Tabela 2: Coeficientes de regressão

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	Intervalo de confiança 95,0% para B	
	B	Modelo padrão	Beta			Limite inferior	Limite superior
(Constante)	-103527,402	110542,080		-,937	,380	-364917,886	157863,082
Matrícula_Inicial_Educação_Infantil	1,206	1,844	,081	,654	,534	-3,154	5,565
Matrícula_Inicial_Educação_Jovens_Adultos	,034	,581	,009	,059	,955	-1,340	1,408
Matrícula_Inicial_Ensino_Fundamental	-,548	,417	-,433	-1,315	,230	-1,533	,437
Matrícula_Inicial_Ensino_Médio	-1,105	1,668	-,125	-,662	,529	-5,050	2,840
Matrícula_Inicial_Ensino_Superior	-61,950	23,671	-,448	-2,617	,035	-117,924	-5,976
Matrícula_Inicial_Pós_Graduação	-10,634	57,947	-,016	-,184	,860	-147,657	126,390
IDHM_Longevidade	363606,082	106003,332	,971	3,430	,011	112948,033	614264,132

Fonte: elaborada pelos autores a partir do *software* IBM® SPSS® *Statistic* (2015)

Encontrado os coeficientes (estimativas), extraiu-se a equação de regressão, que é: PIBReal\_pc = - 1.103.527,402 + 1,206Medi + 0,034Meja - 0,548Mef - 1,105Mem - 61,950Mes - 10,634Mpg + 363.606,082IDHM\_Longevidade.

Assim, baseado na equação da regressão encontrada, podemos afirmar que os coeficientes determinados pela regressão múltipla indicam como as alterações unitárias em cada variável independente podem influenciar o valor da variável dependente. Os sinais esperados para os coeficientes eram, todos, positivos. Porém, das variáveis do modelo, apenas a matrícula inicial no ensino infantil, matrícula inicial educação de jovens e adultos e o IDHM Longevidade confirmaram as expectativas, as outras não.

Das duas variáveis que apresentaram sinal positivo em seus coeficientes, apenas o IDHM Longevidade é significativa. Isso indica o que vários autores da teoria do capital humano afirmam que quanto mais tempo de vida e, por conseguinte, mais experiência, maiores serão os ganhos do indivíduo (BONDEZAN e DIAS, 2013; CARVALHO, 2007; MEDEIROS, 1982). Por outro lado, a variável matrícula no ensino superior, apesar de ser significativa, isto é, indica

uma relação com a renda, ela tem uma relação inversa. Aumentos na matrícula no ensino superior, provocam redução da renda.

## 5.2 Análise do modelo de interação universidade-empresa

A segunda análise, que trata da interação universidade-empresa, tem como principal objetivo, identificar de que maneira as empresas localizadas na MGS são beneficiadas, em termos de desempenho e, conseqüentemente, gerando aumento de renda, em razão de estarem localizadas próximas aos grupos de pesquisa da universidade e utilizarem dos conhecimentos, ali gerados, em prol do desenvolvimento local e regional. No entanto, ao coletar dados do questionário aplicado aos docentes e líderes de grupos de pesquisa, do *Campus XI*, apurou-se que, dos 6 grupos de pesquisa registrados no CNPq, nenhum mantém interação com empresa da microrregião e nem de fora dela, conforme estabelecido pelo CNPq.

Confirmando o que se apurou na pesquisa empírica, em busca no Diretório de Pesquisa do CNPq, na tentativa de coletar informações sobre as interações entre os grupos de pesquisa do Departamento, e as empresas da MGS, não foram encontrados registros de que as interações existem. Diante desse fato, os efeitos da proximidade geográfica para o estímulo à interação universidade-empresa, que são primordiais para o processo de disseminação do conhecimento, facilitando, com isso, que ocorra o *spillover* de crescimento, não é aproveitado pela UNEB. Alguns autores, através de estudos empíricos, constataram que a proximidade dos grupos de pesquisa acadêmica na região possibilita e estimula a interação universidade-empresa (CORREIA e PEREIRA, 2006; GARCIA *et al*, 2011), mas neste estudo isto não ocorreu.

Alvarez, Kennebley e Carolo (2013), afirmam que o desenvolvimento da interação universidade-empresa ocorre em dois momentos: o primeiro, quando a universidade forma profissionais de qualidade, que são contratados pelas empresas, gerando difusão do conhecimento científico e tecnológico. O segundo, quando as pesquisas desenvolvidas pela universidade produzem e transferem para as empresas, informações científica-tecnológica, como também protótipos para novos produtos e processos.

Entretanto, é importante registrar que os dados do questionário buscaram também identificar possíveis dificuldades para a constatação da inexistência de interação universidade-empresa da região. Os sujeitos respondentes, quando da aplicação da entrevista semiestruturada, afirmaram que a precariedade em termos de números de docentes no Departamento acaba por ser uma barreira importante a ser considerada. Para destacar este problema, os entrevistados mencionaram, conforme Respondente 1, que “no curso de Administração, há apenas 11 docentes efetivos para atender a todas as disciplinas”. Uma das razões desta situação, segundo o Respondente 2, é que:

A razão da pouca quantidade de docentes no curso está relacionada com a distância da capital do Estado, que acaba dificultando a atração de mais professores, e ainda sendo agravada pelas políticas do Estado que não permitem a abertura de novas vagas para concurso nas universidades estaduais, e conseqüentemente, para o *Campus*.

Por mais que os professores, na visão dos respondentes, desejem oferecer uma qualidade melhor, fica limitado pelas condições de trabalho, nas quais se encontram. Neste sentido, preparar aulas diferentes a cada semestre, ministrar aulas para uma diversidade de turmas, certamente dificulta encontrar tempo para leituras e pesquisas, e conseqüentemente publicação de qualidade ou geração de conhecimento ou produto que suscite o interesse das empresas da região, afirma o Respondente 3.

Outras questões apareceram como influenciadoras da falta dessa interação. Entre elas podem ser citadas: a falta de interesse das empresas, falta de interlocutores entre universidade e empresa, falta de regras claras tanto para a universidade quanto para as empresas, falta de infraestrutura adequada de pesquisa nas empresas e na universidade e as questões políticas e ideológicas que permeiam as relações, principalmente nas universidades públicas.

### 5.3 Análise da qualidade do ensino-pesquisa-extensão

O terceiro e último grupo de análises teve o objetivo de identificar a contribuição da UNEB, Campus XI, para o desenvolvimento local e regional, fez-se um levantamento da produção científica dos docentes da UNEB –XI, através da análise dos Currículos Lattes, dos últimos cinco anos, levando em consideração a publicação de artigos científicos em periódicos, classificados pela CAPES, como sendo Qualis A (1 e 2) e B (de 1 a 5). Com 36 publicações de todos os docentes no período, obtêm-se uma média anual de 0,17 artigos publicados por pesquisador, contando mestres e doutores.

Partindo do pressuposto, conforme Garcia *et al* (2011), de que um pesquisador de elevada qualificação precisa possuir o título de Doutor e ter dedicação exclusiva (D.E.), no DEDC, existem 11 doutores, correspondendo a 21% do total de docentes, sendo que desses, apenas 6 são D.E., 54%. Se compararmos o número de doutores do *Campus XI* com o total da UNEB, esse número representa 1,9%, enquanto que, se compararmos com o Estado da Bahia, o percentual é de apenas 0,24%.

Analisando os dados coletados, acerca dos docentes doutores, em termos de produção científica, dos 11 doutores, apenas 1 publicou, nos últimos 5 anos, artigos em periódicos classificados pela CAPES como Qualis A1 (2 artigos), representando 11% do total de publicações. A média de produção anual por doutor do Departamento de Educação, *Campus XI*, no período de 2010 a 2014, é de 0,30, enquanto a produção média na Região Nordeste, de publicações em periódicos de circulação nacional, é de 0,85 no período de 2007 a 2010 (CNPq, 2014). Além do mais, pode-se observar que dos 11 pesquisadores, 3 (27%), sequer publicaram um artigo em periódicos no período dos últimos 5 anos de classificação Qualis. E do total de publicações, 17 artigos, um pesquisador detém a maioria das publicações, 7 (33%), sendo que os demais participam com 66%, 14 artigos, proporcionando uma média de apenas 0,23 artigos por ano, enquanto quem tem uma maior produtividade possui uma média de 1,4 artigos por ano.

Esta situação vem reforçar a afirmativa de que a inexistência de publicações dificulta atrair empresas para colaborarem com as pesquisas que poderiam ser desenvolvidas na universidade e por consequência contribuir para o desenvolvimento regional, a partir da melhoria do desempenho das empresas. Porém, apesar do que revelam os dados, se a pouca produção da UNEB, Campus XI, fosse transferida às empresas da região, na forma de produtos ou processos, haveria a possibilidade de essa transmissão de conhecimentos, gerados pelas pesquisas, transformar o cenário local e regional. Mas, pelo que já foi relatado, não há interação entre os grupos de pesquisa e as empresas da MGS, isto é, não ocorre o fenômeno *spillover*.

Na percepção da maioria dos entrevistados, a precariedade em termos de números de docentes no Departamento, acaba por ser uma barreira no momento de liberar o professor para qualificação, seja para mestrado ou doutorado (RESPONDENTE 4). Corroborando com essa afirmativa, para o Respondente 5, isso ocorre:

Em razão de o Governo do Estado da Bahia não realizar concurso público para a carreira do Magistério Superior e, com um decreto de contingência, suspender a seleção pública para professores substitutos, o que acaba inviabilizando o processo de

licença para estudo, ou, em medidas extremas, para evitar que o aluno seja penalizado por não conseguir matrícula na disciplina que o professor está licenciado, acaba por sobrecarregar os demais professores, que assumem as referidas disciplinas daqueles que saem para qualificação.

Então, uma média anual de 0,17 artigos publicados por pesquisador, contando mestres e doutores, só vem confirmar as preocupações mostradas pelos entrevistados de que a o excesso de carga horária em sala de aula acaba por impedir que o professor pesquisador abra mão da pesquisa e/ou de projetos de extensão, para se dedicar ao ensino, ou talvez nem seja uma dedicação, mas uma imposição pela falta de professores.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho propôs identificar a contribuição da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus XI*, no desenvolvimento local e regional, baseado nos princípios da teoria do capital humano, como forma de refletir sobre a importância da avaliação das políticas públicas de educação de nível superior. Neste sentido, ao analisar as contribuições da UNEB-XI, espera-se suscitar questionamentos sobre de que forma os governos devem atuar no sentido de tornar o gasto público com educação superior mais eficiente e eficaz.

Os resultados indicam que a UNEB, *Campus XI*, não vem exercendo, de forma sistemática, seu papel de promotora do desenvolvimento local e regional. Primeiro, no que tange a sua contribuição na produção de conhecimento, através do ensino. Não se comprovou, neste caso, que um aumento no nível de educação do nível superior possui uma relação significativa com um aumento de ganhos salariais, como sugerem os defensores da teoria do capital humano. Este resultado pode indicar que outras variáveis, que não os níveis de ensino, poderiam explicar, com mais robustez, o processo de crescimento da renda da MGS. É instigante descobrir as razões de tal decréscimo, mas não é foco dessa pesquisa.

Outra verificação foi a falta de interação dos Grupos de Pesquisa do DEDC, com as empresas localizadas na região que também é um entrave ao processo de desenvolvimento regional, que deveria ser encabeçado pelo Departamento, através de seus grupos de pesquisa. Essa situação acaba por afastar a universidade da comunidade externa e faz com que a pouca produção científica, ali gerada, permaneça fechada e acessível, apenas, ao meio acadêmico.

A região onde o departamento de Educação está instalado é bastante carente, principalmente por estar no semiárido baiano por isso precisa que a universidade se articule com o poder público local, estadual e federal e com as empresas, para que possa disseminar todo o conhecimento gerado em prol do desenvolvimento regional. A presença da UNEB na região, sua proximidade com as empresas ali instaladas, deveria ser um ponto forte para o processo de desenvolvimento regional, mas desde que haja uma relação de cooperação entre os atores da região

Apesar das limitações do modelo, acredita-se que os resultados apresentados neste trabalho servem como referência para gestores públicos e elaboradores de políticas públicas. É fundamental o investimento em educação visando o desenvolvimento econômico, não só em quantidade, mas, principalmente, em qualidade.

Como sugestões para pesquisas futuras, sugere-se que este mesmo estudo seja replicado com outras variáveis, ditas qualitativas. Além disso, outras hipóteses podem ser testadas, incluindo outros tipos diferentes de educação, como os cursos técnicos e profissionalizantes. Outra sugestão é expandir essa pesquisa às empresas da Microrregião e identificar a forma como ela

visualiza a presença da UNEB, *Campus XI*, na Microrregião. Também comparar dados de outras regiões onde a UNEB esteja presente e verificar se os resultados são diferentes e por quê?

Finaliza-se este trabalho chamando atenção aos formuladores de políticas públicas de educação para a dimensão avaliação das etapas da política pública. Não é suficiente disponibilizar o recurso que é público, e não efetuar nenhum tipo de avaliação ou controle sobre a eficiência destes recursos. Não se questiona a importância dos investimentos feitos na educação superior, mas para que se produza uma nação desenvolvida, como se pretende, é importante e necessário gastar o recurso público com eficiência. E neste caso, a reflexão posta é que é preciso ir além dos prédios construídos, e tornar efetiva a função do ensino superior de gerar conhecimento útil para a sociedade de um modo geral.

## 7 REFERÊNCIAS

ALVARES, Rodrigo B. P.; KANNEBLEY JÚNIOR, Sérgio; CAROLO, Murilo D. O impacto da interação universidade-empresa na produtividade dos pesquisadores: uma análise para as ciências exatas e da terra nas universidades estaduais paulistas. **Revista Brasileira de Inovação**. Campinas-SP, v. 2, n. 1, p. 171-206. Jan-jun, 2013. Disponível em: <<http://www.ige.unicamp.br/ojs/rbi/issue/view/47>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

ALVES, Jorge A. B. **Impacto socioeconômico da universidade numa visão da economia do conhecimento**: estudo de caso do campus Canoinhas da Universidade Contestado UnC. 2010. 178 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Desenvolvimento Regional, Universidade do Contestado, Canoinhas, 2010. Disponível em: <<http://www.unc.br/mestrado/editais/DissertacaoMestradoJorgeAmaroBastosAlves.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2013.

BARROS, R. P.; HENRIQUES, R.; MENDONÇA, R. Pelo fim das décadas perdidas: educação e desenvolvimento sustentado no Brasil. Texto para discussão n. 857. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_0857.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0857.pdf)>. Acesso em: 14 abr. 2014.

BECKER, Gary S. Investment in human capital: a theoretical analysis. *The Journal of Political Economy*, *Chicago Journal*, v. 70, n. 5, parte 2, pp. 9-49, out 1962. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/1829103?uid=2&uid=4&sid=21102563619577>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

BONDEZAN, Kézia de Lucas; DIAS, Joilson. Crescimento Econômico de Longo Prazo no Brasil: Uma nova proposta para as estimativas dos estoques de capital físico e humano. In: ENCONTRO DE ECONOMIA DA REGIÃO SUL – ANPEC SUL 2013, 16. 2013. Curitiba. **Anais...** São Paulo: ANPEC, 2013. Disponível em <<http://www.anpec.org.br/sul/2013/index.html>>. Acesso em: 29 jul. 2013.

CARVALHO, Emerson R. A. de. Desenvolvimento humano e taxa de retorno da educação. **Revista Pensamento & Realidade**. São Paulo, Ano X, n. 20, 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

COGO, Edson L. A universidade como mecanismo da construção do desenvolvimento regional. **Revista Saber**. Erechim, v. 1, n. 2, 2013. Disponível em: <[http://www.faers.com.br/revista\\_fazer/educacao/2](http://www.faers.com.br/revista_fazer/educacao/2)>. Acesso em: 12 jan. 2014.

CORREIA, Isabel M.; PEREIRA, Orlando P. Spillovers de conhecimento e desenvolvimento: evidência de Portugal. **Revista Portuguesa de Estudos Regionais**, Angra do Heroísmo, Portugal, n.13, p.67-82, dez. 2006. Quadrimestral. Disponível em: <http://www.apdr.pt/siterper/numeros/RPER13/13.5.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2014.

CRAWFORD, Richard. **Na era do capital humano**: o talento, a inteligência e o conhecimento como forças econômicas, seu impacto nas empresas e nas decisões de investimento. Trad. Luciana Bontempi Gouveia. São Paulo: Atlas, 1994.

DALGUEIRO, Ariene da S; NAKABASHI, Luciano; PRINCE, Diogo de. O papel do capital humano, spillovers e difusão tecnológica no crescimento: uma análise espacial para Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 39. 2011, Foz do Iguaçu, Paraná. **Anais eletrônicos**. Foz do Iguaçu: ANPEC, 2011. P, 11-20. Disponível em: <<http://anpec.org.br/encontro/2011/inscricao/arquivos/000-29ca0fbc4c927f78b91b5af2ed111b85.doc>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

FERREIRA, André; LEOPOLDI, Maria A. A contribuição da universidade pública para a inovação e o desenvolvimento regional: a percepção de gestores e pesquisadores. **Revista Gual – Gestão Universitária na América Latina**, Florianópolis, v. 1, n. 6, p.60-82, jan. 2013. Quadrimestral. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/issue/view/1965>. Acesso em: 20 jan. 2014.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Economistas).

GARCIA, Renato et al. Os efeitos da proximidade geográfica para o estímulo da interação universidade-empresa. **Revista de Economia**, Curitiba, v. 37, número especial, p.307-329, dez. 2011. Quadrimestral. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/economia/article/view/27811>. Acesso em: 26 fev. 2014.

GOEBEL, Márcio A.; MIURA, Márcio N. A universidade como fator de desenvolvimento: o caso do município de Toledo-PR. **Revista Expectativa**, Toledo-PR, v. 3, n. 3, p.35-47, ago. 2007. Quadrimestral. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/743/628>. Acesso em: 26 maio 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Sinopse do censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas**. Rio de Janeiro: IBGE, v.1, 1990. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269\\_1.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269_1.pdf). Acesso em: 08 fev. 2014.

MARSHALL, Alfred. **Princípios de economia**: tratado introdutório. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Os Economistas). 2 v.

MAYER, Fernanda G.; RODRIGUES, Waldemar. A influência do capital humano sobre o desenvolvimento econômico um olhar sobre a educação. **Revista de Administração da UNISAL**. v. 3, n. 3, p.1-16, abr. 2013. Quadrimestral. Disponível em: <http://revista.unisal.br/sj/index.php/RevAdministracao/issue/view/21>. Acesso em: 28 dez. 2013.

MEDEIROS, José A. de S. **Alcance e limitações da teoria do capital humano**: diferenças de ganhos no Brasil em 1973. São Paulo: IPE/USP, 1982.

MELO, Luzia Maria C. de; SIMÕES, Rodrigo. **Desigualdade econômica regional e spillovers espaciais**: evidências para o nordeste do Brasil. 2009. Disponível em: [http://web.face.ufmg.br/cedeplar/site/pesquisas/td/TD\\_364.pdf](http://web.face.ufmg.br/cedeplar/site/pesquisas/td/TD_364.pdf). Acesso em: 04 fev. 2014.

MINCER, Jacob. Investment in human capital and personal income distribution. **The Journal of Political Economy**. Chicago Journal, v. 66, n. 4, p. 281-302, ago 1958. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1827422?uid=2&uid=4&sid=21102562986757>. Acesso 20 mai. 2012.

PEREIRA, Rosangela S. Teoria do capital humano: breve discussão teórica. **Revista de Estudos Sociais**, Cuiabá, ano 1, n. 2, p. 27-46, 1999. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/150>. Acesso em: 25 ago. 2012.

PUFFAL, D. P.; TREZ, J. R.; SCHAEFFER, P. R. Características da interação universidade-empresa no Brasil: motivações e resultados sob a ótica dos envolvidos In: Simpósio da Gestão de Inovação tecnológica, 27. 2012, Salvador. **Anais do XXVII Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2012. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/Simposio/simposio\\_2012/2012\\_SIMPOSIO84.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/Simposio/simposio_2012/2012_SIMPOSIO84.pdf). Acesso em: 20 mar. 2014.

RAPINI, Márcia S. Interação universidade-empresa no Brasil: evidências do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. **Estudos. Econômicos**. [online], vol.37, n.1, pp. 211-233, jan-mar 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ee/v37n1/08.pdf>. Acesso em: 30 set. 2014.

RÊGO, Conceição; CALEIRO, António. Em torno do contributo das instituições de ensino superior para a dinâmica regional de crescimento econômico. In: APDR CONGRESS INNOVATION AND REGIONAL DYNAMICS, 18, 2012. Faro, Portugal. **Anais eletrônicos**. Faro: Universidade de Algarve, 2012. P. 1011-1021.

SCHULTZ, Theodore W. **O valor econômico da educação**. 2 ed. Trad. P. S. Werneck. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SEN, Amartya K. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta; revisão técnica Ricardo Doniselli Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Economistas, v. 1). 2 v.



SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA – SEI.  
**Sistema de Informações Municipais.** Disponível em <http://sim.sei.ba.gov.br/sim/index.wsp>  
Acesso em: 25 fev. 2015.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB. 2014. Disponível em:  
<<http://www.uneb.br/institucional/a-universidade/>>. Acesso em 10 mai. 2014.